NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 699 430 051 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	A FUNDO	10
EDITORIAL	3	REPORTAGENS	13
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
INTERNACIONAL	8	DESPORTOS	19

MAR PETEIRA | SINDICALISTA

“Pelejamos por manter a independência sindical”

A. SANTOS / Esta nacionalista ferrolana está há mais de umha década envolvida nas lutas sindicais, ao início na sua comarca natal e hoje na executiva nacional da CIG e o conselho nacional do BNG. Satisfeita polas muitas conquistas atingidas na expansom do sindicato e no seu assentamento entre as e os trabalhadores, assiste com preocupaçom às tentativas de enfraquecer a independência da central, que considera "a melhor garantia para ganharmos a confiança das pessoas". Fala-nos da sua visom da actualidade laboral e das perspectivas do nacionalismo.

- Conta-nos como som os teus primeiros passos no mundo sindical.

- Pois um pouco por acaso. Trabalhava de ordenança numha residência de idosos em Ferrol e um companheiro contacta comigo para me apresentar de delegada. Digo que sim, ainda que eu na altura era umha pessoa despolitizada, mesmo falava espanhol. E aí começa a minha conscienciazaçom...

- Com o resto de companheiras de trabalho?

- Nom, em absoluto. A CIG era um sindicato ainda mais demonizado do que agora, e desde o momento em que me implico metade das trabalhadoras negam-me a palavra. Com o tempo, avançamos sindicalmente, ganhamos as eleiçons, e os medos perdem-se.

- A que se deve esta normalizaçom?

- Ao trabalho bem feito. A CIG percebia-se como um sindicato combativo, e continua a perceber-se, mas como ajudamos as pessoas, os receios diminuem e até desaparecem. O que nom supom que mecanicamente politizemos o pessoal, porque muitos procuram os nossos serviços e depois continuam sem serem nacionalistas nem de esquerda.

- Como interpretas a descida da filiaçom sindical e a passividade da juventude trabalhadora nesta matéria?

- No caso da CIG nom há tal descida, superamos os 40.000 filiados e filiadas e isto avança desde que se vê que facilitamos as cousas neste panorama tam preto. Também é verdade que a precariedade espalha-se e nom contribui nada para a implicaçom das pessoas, reina a insegurança e o medo.

- Nom achas que houvo umha resposta tímida à nova reforma laboral, se calhar polas cumplicidades políticas com o novo governo?

- Existe um medo crescente na gente a que a CIG passe a ser um 'sindicato prisioneiro', com certa razom. Mas no caso da reforma nom foi assim: mobilizámos, falámos claro e tencionamos rebater esse argumento tam reiterado de que "a nova reforma favorece a contrataçom" e a qualidade do emprego.

- E ainda assim, confiades numha mesa de diálogo social com o governo da Junta...

- Estamos, mas nem todos confiamos. Um sector importante da CIG acha que esta participaçom nom tem sentido, sendo apenas umha simples legitimaçom da política do BNG. Há quem diga, na mesma executiva, que isto nom fai sentido nenhum.

- Existe entom umha linha nom oficial?

- Umha linha propriamente dita, nom. Existem pessoas diversas que confluem e que entendem que aqui cabemos todos e todas, e que a independência sindical é um grande valor a preservar por cima de tudo. Começam-se a dar certas batalhas, como a que começou em Ferrol, na minha comarca, e aí demonstramos que existe outra visom das cousas.

- Em que se centra a vossa denúncia?

- Sobretudo é umha aposta na mudança das formas, no próprio sindicato. Há que abandonar o sectarismo, aprender a ganhar por convencimento e nom por pressom, a excluir as pretensons de 'pureza' que logo acabam por ser as mais dependentes politicamente... cousas de sentido comum, pronto.

- E como se toma no interior do BNG esta defesa da independência sindical?

- De maneira muito parecida a como se toma na CIG. Quem domina pratica o sectarismo e pretende trocar o nacionalismo polo regionalismo para manter o poder, como quem diz 'nom somos tam maus'. E muitas outras pessoas pensamos que é possível integrar e somar, e que cumpre diferenciar a força política do sindicato. Som projectos diversos.

Um diálogo francamente real

CELSO ÁLVAREZ CÁCCAMO

("Francamente vivimos mal". "Pues realmente viviremos peor" - Da revista La Codorniz, nalgum momento dos 1970's).

-Não entendo por que sempre criticas o Rey. Estás por uma República galega?
-Pola Monarquia espanhola não estou.
-Mas à gente não lhe importa o Rey.
-A mim, sim. Eu sou gente.
-A gente tem outros problemas.
-Com Franco também.
-A gente quer o Rey.
-Também queria a Franco.
-Mas o Rey foi votado num referendo.
-Num referendo de Franco.
-Franco era um militar.
-O Rey também.
-E Franco não fora eleito polo povo.
-O Rey tampouco.
-Como? A gente votou na Constitución.
-E, antes, nas Leyes Fundamentales.
-Franco era Chefe de Estado vitalício!
-O Rey também.
-E Franco impôs o seu sucessor.
-O Rey também.
-Com Franco, todos os partidos eram ilegais.
-Com o Rey, alguns.
-E que me dizes da Ley de Represión de la Masonería y del Comunismo?
-E que me dizes da Ley de Partidos?
-Com Franco não havia autonomia.
-Com o Rey não há autodeterminação.
-Antes todos eram "separatistas".
-Agora todos são "terroristas".
-E a "Unidad de la Patria"? E os desfiles das Fuerzas Armadas?
-Pois isso, pois isso.
-E o Alzamiento?
-E a Transición?
-E o Día de la Raza franquista?
-E o Día de la Hispanidad monárquico?
-E o 18 de Julio?
-E o Día de la Constitución?
-E o discursinho de Franco em fim de ano?
-E o discursinho do Rey no Natal?
-Durante o Franquismo a emigração galega era terrível.
-Durante a Monarquia, também.
-No Franquismo, usar o galego não era um direito.
-Na Monarquia, saber o espanhol é um dever.
-Mas antes a língua própria estava reprimida!
-Agora, a escrita própria também.
-Já avonda!: De Franco não se podia falar livremente.
-Do Rey tampouco.
-Ias ao Julgado. Ao Tribunal de Orden Público.
-Agora também. À Audiencia Nacional.
-Então! Vás-me dizer que são iguais?
-E tu, que são distintos?
-O de Franco era uma ditadura!
-Pois isso.
-Francamente, não te entendo...
-Eu realmente a ti sim.